

## **As marcas dialógicas presentes em *Poemas de amor*, de Alfonsina Storni**

Nildicéia Aparecida ROCHA (UNESP-UNIOESTE)

Em *Poemas de Amor*, poemas em prosa de Alfonsina Storni, publicada em 1926, *corpus* neste trabalho, no conjunto dos XLVII textos observa-se uma unidade narrativa com fortes momentos compostos de características formais e efeitos poéticos. Segundo essa unidade, pode-se verificar, desde o primeiro texto, o momento do encontro e o despertar do amor/paixão, sua realização, enquanto amor total, os desencontros e o término com a conseqüente descrença no amor. Essa unidade constrói uma narratividade poético-literária nos modelos do amor romântico, uma longa história de amor; assim como, esses fortes momentos narrativos vão compondo uma possibilidade de análise das características formais que os constituem: poeticidade/narratividade; subjetividade feminina e feminista; e, o jogo dialógico presentes nas marcas enunciativas, focalizado nesta apresentação. Para tal, referente às marcas dialógicas, os poemas em prosa apresentam um corpo enquanto receptáculo das palavras, que por vezes será a base de um diálogo com outros, uma fronteira que separa o “eu” de “outro(s)” ou assume o papel de leitor - leitora de si mesma; outras vezes é a voz feminina que fala a um tu, sujeito/objeto recebedor do amor - o amado -, dialoga com um *vosotros*, geralmente em tom irônico, e com este estabelece uma relação ora de distanciamento, ora de proximidade; ainda dialoga com um *nosotros*, metáfora da união com o ser amado e com o sentimento “amor”; e também dialoga com seu próprio eu/yo, subjetivamente. Neste sentido, o discurso literário começa com o anúncio de uma separação entre o “eu” e os “outros”, entre “inocentes” e “adversários”, entre o “belo” e o “abjeto”, rompendo com as fronteiras marcadas discursivamente na relação com a palavra. Portanto a voz feminina vai escolhendo e determinando o lugar enunciativo a ocupar, outorga assim uma nova identidade às mulheres, uma identidade múltipla e diversa, mesmo que por vezes contraditória, ao reproduzir ou mesmo assumir o posicionamento ideológico da época, como por exemplo, a supremacia da condição de mãe atribuída à mulher, ou seja, a maternidade feminina.

Palavras-chave: marcas dialógicas, poemas em prosa, identidade feminina.

## **As marcas dialógicas presentes em *Poemas de amor*, de Alfonsina Storni**

Em *Poemas de Amor*, poemas em prosa de Alfonsina Storni, publicada em 1926, *corpus* neste trabalho, no conjunto dos XLVII textos observa-se uma unidade narrativa com fortes momentos compostos de características formais e efeitos poéticos. Segundo essa unidade, pode-se verificar, desde o primeiro texto, o momento do encontro e o despertar do amor/paixão, sua realização, enquanto amor total, os desencontros e o término com a conseqüente descrença no amor. Essa unidade constrói uma narratividade poético-literária nos modelos do amor romântico, uma longa história de amor; assim como, esses fortes momentos narrativos vão compondo uma possibilidade de análise

das características formais que os constituem: poeticidade/narratividade; subjetividade feminina e feminista; e, o jogo dialógico presentes nas marcas enunciativas, focalizado nesta apresentação.

Para tal, referente às marcas dialógicas, os poemas em prosa apresentam um corpo textual que funciona como um “receptáculo” de palavras; por vezes será a *base de un diálogo con los otros* (MASIELLO, 1997, p. 249); em outros momentos, uma fronteira que separa *el yo* do *otro*; ou ainda marcará a luta da poeta com a modernidade. Nas palavras da crítica Francine Masiello (1997, p.249), a poesia de Alfonsina, quando *toma de posesión del objeto erótico; no sólo inventa el cuerpo del otro, sino que asume el papel de lector exclusivo de sus signos*, convertendo-se, por vezes, na “leitora” de si mesma. O outro será, ainda, tematizado em seu discurso, na figura do amado, da(s) mulhere(s) de sua época, dentro da ambigüidade de seu posicionamento social e amoroso. Assim, o discurso poético de Storni resiste a ficar inscrito nos discursos “estetizantes” do outro, e se constituirá em sujeito da obra de arte:

### XXIII

Miro el rostro de las demás mujeres con orgullo y el de los demás hombres con indiferencia.  
Me alejo de ellos acariciando mi sueño.  
En mi sueño tus ojos danzan lánguidamente al compás de una embriagadora música de primavera. (STORNI, 1999, p. 613)

Como leitores, somos interpelados pela aparente seqüência narrativa, construímos uma lógica narrativa; portanto o jogo enunciativo, presente nos poemas em prosa de *Poemas de amor*, constrói uma rede de relações, na qual há uma interpelação do outro (no caso, o leitor), no sentido de demandar o outro; o texto vai orientando a nossa leitura e, nessa construção, os poemas de amor vão compondo uma relação afetivo-amorosa entre um homem e uma mulher, ou seja, compondo uma “história de amor”. Mas, nas marcas dialógicas que constituem este discurso, com um olhar mais crítico, verificamos a constituição de um sujeito feminino, “eu-poético-narrativo” que dialoga com o amado, com o leitor, *vosotros*, inclusive com o próprio “eu”.

### **Da enunciação ao discurso: resgate de uma história**

Tendo em vista que este estudo instaura-se na teoria-metodológica da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, especificamente a que surge ao redor de Michel

Pêcheux, Jean Dubois e Michel Foucault, traçamos um conciso panorama histórico sobre a formação e constituição da AD a que nos referimos.

No horizonte da AD derivada de Pêcheux serão Althusser com sua releitura das teses de Marx; Foucault com a noção de formação discursiva (interdiscurso, memória discursiva, práticas discursivas, etc.); Lacan e a leitura que faz das teses de Freud sobre o inconsciente formulado por uma linguagem; e, Bakhtin e seu fundamento dialógico da linguagem, os nomes que irão influenciar a AD francesa e levá-la a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso. O alicerce da AD dá-se no intrincamento dos pilares: Materialismo Histórico, Lingüística, Teoria do Discurso e Teoria da Subjetividade; levados à reflexão sobre a articulação entre história, língua, discurso e sujeito.

Quanto ao Materialismo Histórico, as idéias althusserianas propiciaram a Pêcheux elaborar o conceito de condições de produção do discurso, a partir das relações entre língua e ideologia, considerando que há um pré-asserido que se impõe ao sujeito e vai permitir o processo de produção de discurso, ao sujeito lhe caberá a tomada de posição de sujeito falante em relação às representações.

Mesmo com certas ressalvas com relação às propostas bakhtinianas, graças a Jaqueline Authier-Revuz, incorporar-se-á a AD a idéia de heterogeneidade do discurso, indicando para a análise das relações entre o fio do discurso - intradiscurso - formulação (COURTINE, 1984) e o interdiscurso - constituição de sentido (COURTINE, 1984), no sentido em que não há coincidências no dizer analítico.

Com relação à Psicanálise, as contribuições de Lacan em sua releitura da obra de Freud, trazem à AD os conceitos de formações imaginárias (*fase pré-edípica, niño parte de la madre, identidad y presencia*<sup>1</sup>) e de ordem simbólico (*adquisición del lenguaje, pérdida del cuerpo maternal, represión primaria que inaugura el subconsciente, sujeto hablante es carencia, ¿es lo que no es?*<sup>2</sup>) e inconsciente.

A finalidade da Análise do discurso, portanto, é a de verificar como ocorre a produção do discurso, isto é, como ele funciona no histórico-social em que se encontra e produzirá sentido. Desse modo, a AD verificará como o texto significa e a análise dos textos será enquanto uma materialidade simbólica própria e significativa, além de visto

---

<sup>1</sup> MOI, T., 1999, p. 109.

<sup>2</sup> “[...] aquisição da linguagem, perda do corpo materno, repressão primária que inaugura o subconsciente, o sujeito falante é carência”. (MOI, T., 1999, p. 109).

em sua discursividade, não apenas o texto como ilustração ou documento, mas sim como monumento.

As contribuições da Lingüística Enunciativa são fundamentais para focalizar a produção de enunciados pelos locutores na situação comunicativa em nossa análise das marcas lingüísticas, no caso dialógicas, instauradas nos LXVII poemas em prosa, os quais são representativos da subjetividade feminina/feminista da escritora Alfonsina Storni.

Em consonância com Dominique Maingueneau (1989, p.113), o conceito de enunciação que a Análise de Discurso rejeita é o da autonomia do sujeito, o da fala livre. Deste modo, a enunciação sob a perspectiva discursiva não deve

*[...] desembocar en una toma de posesión del mundo y de la lengua por la subjetividad. En otras palabras, la enunciación no debe llevar a establecer que el sujeto está “en el origen del sentido” (Michel Pêcheux), especie de punto inicial fijo que orientaría las significaciones y sería portador de “intenciones”, de elecciones explícitas. Hay que negarse, pues, a ver en la enunciación el acto individual de utilización que, en una perspectiva saussureana, permite pasar el límite de la “lengua” como puro sistema de signos e introducir una relación con el mundo social. (MAINGUENEAU, 1989, p. 113)<sup>3</sup>*

Entendemos, portanto, a enunciação como interação verbal, ou seja, como o verdadeiro lugar da fala. Nessa perspectiva, o sujeito da enunciação implica uma teoria do sujeito e, no marco da teoria da enunciação, é posto no centro da lingüística. Já desde os anos 1920, com Bakhtin, o sujeito falante “é um sujeito em relação ao seu meio, que tem interiorizadas as normas e as formas discursivas exteriores a ele, mas que o constituem” (PAVEAU; SAFARTI, 2006, p. 177).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1986), a enunciação pode ser concebida como “ampliada” ou “restringida”. Quando a lingüística da enunciação descreve as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos, ou seja, os protagonistas do discurso (emissor e destinatário(s)), a situação de comunicação – circunstâncias espaço-temporais, condições gerais da produção/recepção da mensagem (canal, contexto, etc.) – é considerada ampliada. Caso a lingüística da enunciação

---

<sup>3</sup> [...] desembocar em uma tomada de posseção do mundo e da língua pela subjetividade. Em outras palavras, a enunciação não deve chegar a estabelecer que o sujeito esteja “na origem do sentido” (Michel Pêcheux), espécie de ponto inicial fixo que orientaria as significações e seria portador de “intenções”, de escolhas explícitas. Há que negar, pois, ver na enunciação o ato individual de utilização que, em uma perspectiva saussuriana, permite passar o limite da “língua” como puro sistema de signos e introduzir uma relação com o mundo social. (MAINGUENEAU, 1989, p. 113)

considere apenas o falante-escritor, ou seja, um elemento constitutivo, será então da ordem do restritivo, e os fatos enunciativos serão registrados nas

*[...] huellas lingüísticas de la presencia del locutor en el seno de su enunciado, los lugares de inscripción y las modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamaremos “la subjetividad en el lenguaje”. Sólo nos interesaremos, pues, por las unidades “subjetivas”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986, p. 42)<sup>4</sup>*

Neste sentido, resume Kerbrat-Orecchioni que, em função dos dois deslocamentos da enunciação, um como inelutável e outro como conjuntural e provisório, caberia metodologicamente instalar-se no restritivo e na problemática das marcas enunciativas. Assim, a problemática da enunciação é localizar e descrever as unidades indiciais que marcam a inscrição, no enunciado, do sujeito da enunciação, ou seja, trata-se de procurar os procedimentos lingüísticos (*shifters*<sup>5</sup>, modalizadores, termos avaliativos, etc.) com os quais o locutor imprime sua marca no enunciado, inscreve-se na mensagem e se situa em relação a ele mesmo. Nas palavras de Kerbrat-Orecchioni (1986, p. 45):

*[...] los dêiticos (ou shifters, empregado por Jakobson) exigen, en efecto, para dar cuenta de la especificidad de su funcionamiento semántico-referencial, que se tomen en consideración algunos de los parámetros constitutivos de la situación de enunciación.<sup>6</sup>*

Os dêiticos são definidos como as unidades lingüísticas que, de acordo com o funcionamento semântico-referencial, implicam considerar o papel desempenhado pelos actantes do enunciado no processo da enunciação e a situação espaço-temporal do locutor e, às vezes, do interlocutor.

Nessa análise, interessa-nos os dêiticos pessoais, como registro da presença do locutor e do interlocutor:

- o “eu” e o “tu”: são dêiticos puros (em espanhol *yo, tu, vos/usted*) e designam os protagonistas na enunciação;

---

<sup>4</sup> “[...] marcas lingüísticas da presença do locutor no seio de seu enunciado, os lugares de inscrição e as modalidades de existência do que com Benveniste chamaremos “a subjetividade na linguagem”. Apenas nos interessaremos, pois, pelas unidades “subjetivas”.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986, p. 42).

<sup>5</sup> Jakobson (1963) utiliza em francês *embrayeurs*, em espanhol *embragues*, em português traduzido como “embreadores”, que abrangem um conjunto de procedimentos e itens lexicais mais variados como pronome pessoal, etc. (JAKOBSON, 1963, p. 178, apud PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 179).

<sup>6</sup> “[...] os dêiticos (ou *shifters*, empregado por Jakobson) exigem, de fato, para dar conta da especificidade de seu funcionamento semântico-referencial, que se levem em consideração alguns dos parâmetros constitutivos da situação de enunciação.

- “ele, eles, ela e elas”: dêiticos que não funcionam nem como locutor nem como interlocutor, não pertencem à situação de enunciação.

Vale notar que os pronomes que registram a primeira e a segunda pessoa da enunciação só têm realidade no discurso, e “não tem significado estável e universal: Qual é, portanto, a ‘realidade’ à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma ‘realidade de discurso’, que é coisa muito singular.” (Benveniste, 1995, p.278 apud PAVEAU; SARFATI, 2006, p.180).

Assim, Benveniste define “eu” como “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu* (1995, p. 278), e, simetricamente, “*tu*, como o ‘indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*”. (1995, p. 279 apud PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 180).

### **O jogo dialógico nos poemas em prosa de Storni**

Nos poemas em prosa de *Poemas de amor*, narrativamente contando uma história de uma relação amorosa, estrategicamente são apresentadas marcas dialógicas que instauram um “eu”, no caso poético, que fala a um “tu”, enquanto amado; o interlocutor recebe o amor deste eu que esboça lágrimas caídas dos olhos humanos (STORNI, 1999, p. 606).

Tú estás despierto y te estremeces al oírme. Y cuando está cerca de ti se estremece contigo. (STORNI, 1999, p. 614)

Tú el que pasas, tú dijiste: esa no sabe amar. (STORNI, 1999, p.612)

Estoy en tí. / Me llevas y me gastas... (STORNI, 1999, p. 610)

He pasado la tarde soñándote. (STORNI, 1999, p. 610)

Te amo profundamente y no quiero besarte. (STORNI, 1999, p. 609)

Inicialmente, o primeiro texto em tom narrativo conta o despertar do amor. No jogo enunciativo, o “eu”: *Yo había dormitado largamente, cansada de esperarte, creyendo...*, instaura a posição do locutor, aqui eu-poético, numa referência narrativa a um sujeito amatório, posicionando o interlocutor *te encontré*, como agente/objeto recebedor do amor. No mesmo texto, o sujeito dialoga com um *vosotros*, não conhecedor de seu sentimento, e o convida para que participem deste novo sentir: *Decía a todos: mirad mi pecho, ¿veis?* (STORNI, 1999, p. 607). Este *vosotros*, público desta história de amor, pode corresponder ao que Kerbrat-Orecchioni (1986, p.56) denomina

como um *vosotros* representativo de um *tú* não “generizado”, mas sim “pluralizado”; metaforicamente, poderíamos dizer que se trata do público leitor de todos os tempos.

No segundo texto, poema II, o “eu” se dirige a um *vosotros*, também destituído de pertencer ao círculo de “pessoas amigas”: *Os daré mis cantos, pero no os daré su nombre*. (STORNI, 1999, p.607). É estabelecido, portanto, um distanciamento entre o sentimento deste sujeito enunciativo, *yo*, com o que pode ser público, *cantos* (aqui seus poemas e textos literários), do que deseja que esteja livre da curiosidade do outro, o nome do amado. Nota-se certo tom autobiográfico, já observado em leituras críticas anteriores, em relação à descrição que é atribuída à vida amorosa de Alfonsina Storni.

Ao longo dos poemas em prosa, Alfonsina vai tecendo o jogo enunciativo ora aproximando-se dos interlocutores, *vosotros*, ora afastando-se destes. Assim consolida seu discurso literário quanto à constituição da identidade feminina/feminista múltipla. Uma voz feminina que escolhe e determina o espaço enunciativo a ocupar.

Observamos, no texto abaixo, com forte lirismo, a presença deste *vosotros*, um texto que articula o narrativo com o aspecto argumentativo, instaurado na condicional “si”, tematicamente marcando a realização do tema amoroso:

## XX

Venid a verme. Mis ojos relampaguean y mi cara se ha transfigurado.  
Si me miráis muy fijo os tatuaré en los ojos su rostro que llevo en los míos.  
Lo llevaréis estampado allí hasta que mi amor se seque y el encanto se rompa. (STORNI, 1999, p. 612)

Aqui a voz da falante, dirigindo-se a um *vosotros*, transfigura-se em *tatuaje/palabras* que os marcará até que se rompa o *halo de luz* que os rodeia. Metaforicamente, é como se o eu-poético avisasse da impossibilidade de estar imune frente ao amor de um ou dos que o têm, uma vez que o *miran/sentem*.

Com o objetivo de outorgar uma outra identidade às mulheres, segundo Masiello (1997, p. 247), o projeto literário de Storni propõe-se a estabelecer um *renovado diálogo con sus lectores*, reformulando o material semiótico. O mundo literário de Storni, assim, começa com o anúncio de uma separação entre o “eu” e os “outros”, entre “inocentes” e “adversários”, entre o “belo” e o “abjeto”, com fronteiras marcadas discursivamente na relação com a palavra. O locutor estará, então, afastado dos demais interlocutores discursivos. Mesmo quando a voz do outro não é um *adversario en el campo de las interacciones humanas* (MASIELLO, 1997, p. 247), o eu-lírico,

emaranhado em mensagens de *desesperación*, logo perde esperança de participar da comunhão lingüística dos humanos, a comunicação entre interlocutores.

¿Quién es el que amo? No lo sabréis jamás. (...) Os daré mis cantos, pero no os daré su nombre. (STORNI, 1999, p. 607)

Enemigos míos, si existís, he aquí mi corazón entregado. Venid a herirme... (STORNI, 1999, p. 608)

Vosotras que sois mis hermanas porque alguna vez el mismo aire os confundió el aliento, ¿cómo no me dijisteis nada de que existía? (STORNI, 1999, p. 618)

Interessante notar que a figura do ser amado, em *Poemas de amor*, é apresentada no poema XX como o que “marca/tatua” em seu coração/olhar secretamente, e, no poema II, encerrado em seu coração, “ele” indica, o término da relação amorosa, vive morto, paradoxo do sentimento “amor” em sua essência lírica:

## II

¿Quién es el que amo? No lo sabréis jamás. Me miraréis a los ojos para descubrirlo y no veréis más que el fulgor del éxtasis. Yo lo encerraré para que nunca imaginéis quién es dentro de mi corazón, y lo mereceré allí, silenciosamente, hora a hora, día a día, año a año. Os daré mis cantos, pero no os daré su nombre.

Él vive en mí como un muerto en su sepulcro, todo mío, lejos de la curiosidad, de la indiferencia y la maldad.

(STORNI, 1999, p.607)

O amado é reconhecido no olhar, nos olhos e principalmente no “canto” da falante, pois apenas a ela lhe pertence, funcionando também como preservação ou resistência ao outro do discurso, *a la mirada y al juicio de los otros*, longe dos olhos alheios. Assim o amado, do mesmo modo que o sentimento estará preservado: *no lo sabréis jamás*, e ele estará *lejos de la curiosidad, de la indiferencia y de la maldad*. Por outro lado, pode-se dizer que o ser amado será recriado, reinventado pela falante, pelo eu-lírico, *Él vive en mí como un muerto en su sepulcro, todo mío...*, em referência a estar somente para mi, o sujeito o refunda para si própria.

E, nos últimos poemas, quando o amado vai embora, a alegria será inicialmente tristeza, logo indiferença, representando a possível superação do abandono pelo amado, e, depois será o esquecimento do amor, com certo desdém, linguisticamente irônico:

## LXV

¿Cuánto tiempo hace ya que te has ido?

No lo recuerdo casi.



Los días bajan, unos tras otros, a acostarse en su tumba desconocida sin que los sienta. Duermo. No te engañes: si me has encontrado un día por las calles y te he mirado, mis ojos iban ciegos y no veían. Si te hallé en casa de amigos y hablamos mi lengua dijo palabras sin sentido.

Si me diste la mano o te la di, en un sitio cualquiera, eran los músculos, sólo los músculos, los que oprimieron. (STORNI, 1999, p.624)

#### LXIV

Sé que un día te irás.

Sé que en el agua y muerta y plácida de tu alma mi llama es como el monstruo que se acerca a la orilla y espanta sus pálidos peces de oro.

(STORNI, 1999, p.624)

A consciência de saber-se sem o amado/amor inicialmente será vista como se a alma estivesse morta. Com a passagem do tempo, como uma lembrança, predominará a lógica, o acaso e a razão sobre qualquer possibilidade de estabelecimento de reencontro com aquele amado, após o inexorável fim da relação amorosa. Deste modo, na constituição da diversidade de posições de sujeito neste “eu” há por vezes uma representação de uma voz feminina/mulher que toma decisões sobre seu coração, sobre sua emoção e, principalmente, sobre suas ações, sua atitude social, desconstruindo a relação patriarcal *sexogénica*, em outros momentos posiciona-se submissa ao amado, e reproduzindo a ideologia vigente naquele momento histórico.

No poema abaixo, observamos como o sujeito feminino, após o abandono do amado, frustrada pela não continuidade do amor-paixão refunda o amado como um “fantasma”, e tomando-o “o embala” espaço-temporalmente *ad infinitum*, ou seja, *el vacío*, metaforicamente, “se lança à eternidade com o amado”, para refundar inclusive o próprio sentimento “amor”, confirmado pela figura do relógio evocado em *el antiguo modo de péndulo* e pelas reticências no final do poema em prosa, e poeticamente pela musicalidade na repetição de *cuando nadie... ni yo misma*:

#### LXVII

No volverás. Todo mi ser te llama, pero no volverás. Si volvieras, todo mi ser que te llama, te reclazaría.

De tu ser mortal extraigo, ahora, ya distantes, el fantasma aeriforme que mira com tus ojos y acaricia con tus manos, pero que no te pertenece. Es mío, totalmente mio. Me encierro con él en mi cuarto y cuando nadie, ni yo misma oye, y cuando nadie, ni yo misma vê, y cuando, nadie, ni yo misma, lo sabe, tomo el fantasma entre mis brazos y com el antiguo modo de péndulo, largo, grave y solemne, mezo el vacío...

Referências bibliográficas:

ARÁN, Pampa (Dir. e Coord.) *Nuevo diccionario de la teoría de Bajtín*. Córdoba: Ed. Ferreyra, 2006.

BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística general*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

COURTINE, Jean-Jacques O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M.C. *Os múltiplos territórios da AD*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6 ed., Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_ *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

\_\_\_\_\_ *El discurso del poder*. Presentación y selección Oscar Terán. México: Folios, 1983.

\_\_\_\_\_ *Historia de la sexualidad. 1. La voluntad de saber*. México: Siglo XXI, 1985.

INDURSKY, F. & FERREIRA, M.C. *Os múltiplos territórios da AD*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine *La enunciación*. De la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Hachette, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique *Introducción a los métodos de análisis del discurso*. Problemas y perspectivas. Buenos Aires: Hachette, 1989.

MASIELLO, Francine *Entre civilización y barbarie*. Mujeres, Nación y Cultura literaria en la Argentina moderna. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1997.

MOI, Toril *Teoría literaria feminista*. 3ª.ed., Madrid: Cátedra, 1999.

PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia *As grandes teorias da Língua: da gramática comparada à pragmática*. Tradução: Maria do Rosário Gregolin (coord.), São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. Bras., Campinas: Pontes, 1984.

\_\_\_\_\_ “Sobre a (Dês-)construção das teorias Lingüísticas” In: DRLAV, no. 27, 1982, p. 1-24, Trad. Brás.: Língua e Instrumentos Lingüísticos. Campinas: Pontes, 1999.

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida “Dialogismo ou polifonia?” In: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>.

Acesso: 20/01/2009.

STORNI, ALFONSINA *Alfonsina Storni. Obras Poesía*. Tomo I. Buenos Aires: Losada, 1999.

\_\_\_\_\_ *Alfonsina Storni. Obras Prosa. Narraciones. Periodismo. Ensayo. Teatro*. TomoII. Buenos Aires: Losada, 1999.